



RIBEIRA DO NEIVA // P. 6-7

Diogo Pereira aborda momento do clube

«Sucesso provocou dor de cotovelo»



LANK VILAVERDENSE // P. 4

Lénio:

«Até pensei em deixar de jogar futebol»



GD PRADO // P. 3

Ventura: «Ambicionamos muito conquistar a Taça»

«O PP contribuiu muito para a minha evolução»



RENUFE FC // P. 14

Ginho:

«Temos dado muitos tiros nos pés»

CALDELAS // P. 10

Edu:

«A margem de manobra é curta»



LANHAS // P. 11

Paulinho confiante

«Queremos muito dar uma alegria ao clube»



AMARES VOLEI // P. 16-17



Laboratório de campeões à espera de mais apoios

DESTAQUE DIGITAL

SC Ucha Mais do que um clube, uma família

Formação floresce na Tamanca

Porto d' Ave

Xiço quer manter equipa na Honra

desportivo

VALE DO HOMEM

ANDRÉ VIEIRA VAI DISPUTAR O LMP4 EUROPEAN LE MANS SERIES P. 1



→ «O meu sonho é chegar à Fórmula 1»

→ «Quero levar o nome de Amares aos pódios internacionais»

→ «Ainda tenho um caminho longo para percorrer»



CN PRADO // P. 8-9



Clube mais titulado de Vila Verde festejou 42 anos

Gala enalteceu mérito desportivo | 36 títulos nacionais e 82 medalhas

ANDRÉ VIEIRA



▶▶ Jovem piloto amarense vai correr no LMP4 European Le Mans Series

André Vieira pode vir a tornar-se um caso sério no automobilismo. O piloto de Amares, de apenas 16 anos, não esconde o sonho de um dia entrar no circuito da Fórmula 1. No entanto, sabe que até esse momento chegar ainda tem um longo caminho a percorrer, num desporto onde o sucesso é efémero. «Num dia és o melhor piloto do Mundo e no outro o pior, pois podes ter um despiste ou bater. Este desporto tem altos e baixos e temos de estar mentalmente preparados», disse o jovem piloto, em entrevista ao nosso jornal.

Aos 10 anos, André Vieira sentou-se num caro de aluguer, uma experiência que o deixou «encantado» e com um «grande fascínio» pelos automóveis. «Adoro carros, é uma adrenalina incrível»,

confidenciou.

Passado alguns anos, o piloto conduziu pela primeira vez um karting de competição e depois veio a experiência num Ford, com um simulador profissional de Fórmula 2 do piloto Miguel Abreu. «Experimentei o carro e o simulador e deixo-me muito bem com os dois. Desde esse momento foi sempre a evoluir», contou André Vieira, que foi muito claro quando questionado sobre as suas metas no automobilismo: «O meu sonho é chegar à Fórmula 1, isso é inevitável».

Ano muito preenchido

O ano de 2024 vai ser muito intenso para o piloto amarense. André Vieira competirá no Campeonato Europeu ELMS LMP4, pela equipa espanhola ASM Motorsport, aos comandos de um

Ligier 3.7 v6 com 380cv. Vai também competir na Categoria Formula 4, integrada no Troféu Single Seater Series 2024, aos comandos de um Formula 4, onde promete lutar pelo título. Os circuitos de Spa (Bélgica), Mugello (Itália), Barcelona (Espanha) e o mítico Paul Ricard em Le Mans (França) fazem parte do itinerário do piloto para este ano. «É difícil conciliar os estudos com o desporto de alta competição. Por exemplo, este ano vou fazer exames de História e Economia para entrar na universidade e esses dias vão coincidir com um dos treinos, antes da corrida, em França. Por isso, terei de abdicar desses treinos para fazer o exame e só depois é que vou para França. Mas, para já, tenho-me dado bem», anotou.

Primeira vitória no Estoril

Apesar da sua carreira no automobilismo ainda ser curta, há, para já, um momento que André não esquece: a primeira vitória no Estoril no Single Seater Series. «Na primeira corrida terminei em segundo. Depois mudámos o setup do carro para um mais profissional. Não estava habituado e, por isso, logo na primeira volta fiz um peão e caí para o último lugar, mas consegui recuperar e ganhar a corrida», contou o piloto, orgulhoso pelo feito.

«Ao longos destes anos evolui muito, mas ainda sou muito novo e tenho um caminho longo para percorrer. No automobilismo estamos sempre a evoluir. Nas corridas, quando está definido um objectivo, tenho de o cumprir. Amares é a minha terra e quero levar o seu nome aos pódios internacionais», afirmou André Vieira, que, para além dos treinos na pista, passa também muitas horas no ginásio. «Tenho de reforçar muito a zona do pescoço, dada a enorme força G que estes carros fazem nas curvas», explicou.

Ídolos

«Em Portugal gosto de António Félix da Costa, é um piloto incrível, já foi campeão mundial de Fórmula E e esteve às portas da Fórmula 1. Internacionalmente gosto do Sebastian Vettel, foi quatro vezes campeão de F1 pela Red Bull. É um piloto sensato e divertido, espero regresse em 2026, com a Audi».

«Não gosto muito de falar em plano B, porque estou 100% focado na minha carreira e quero muito que resulte, mas claro que os estudos serão sempre uma segunda via. Gostava de tirar o curso de Direito».



«Ajudem o André a concretizar o seu sonho»

Piloto precisa de apoios para voar nas pistas

André Vieira diz que o seu grande suporte é a família. «Os meus pais têm-me dado um apoio incrível e sem eles não conseguiria nada. Depois também tenho a ajuda dos meus tios, dos meus treinadores, o Pedro Moleiro e o Miguel Abreu. Estou muito bem acompanhado e determinado em fazer uma grande carreira no automobilismo», apontou o piloto, que conta igualmente com o apoio do Município de Amares, Intermarché, Matrix Audi e Fitness Up.

No entanto, para ser um piloto competitivo e ter hipóteses de atingir os pódios precisa de mais patrocínios.

«O André vai ter carro, vai ter equipa e vai ter inscrição, mas todos os pilotos europeus conhecem as pistas e vão semanas

antes lá treinar porque têm facilidade e o André não tem nenhum treino. Vai chegar a Le Mans ou a Spa Francorchamps, pela primeira vez, e não terá as mesmas hipóteses de outros pilotos que já treinaram várias horas naqueles circuitos», referiu Nuno Vieira, pai do jovem piloto, aquando de uma visita ao Município de Amares.

«O objectivo é conseguirmos levar as empresas de Amares a acreditar neste projecto, no sonho do André, para que possa ter condições de competir de igual para igual e, dessa forma, ter as reais possibilidades de lutar por um pódio internacional», acrescentou, sublinhando que o filho «nutre um especial carinho pela sua terra e pretende levar o nome de Amares aos pódios nacionais e internacionais».



GD PRADO

«Estou um jogador mais maduro, evoluí muito»

José Ventura é peça fundamental no sucesso da equipa do GD Prado

José Ventura é um dos jogadores mais utilizados por Miguel Magalhães na equipa do GD Prado. O médio está a cumprir uma das suas melhores épocas, pelo menos do que diz respeito a golos marcados, com sete remates certos à baliza dos adversários. «No meio campo tanto jogo a seis, a oito ou como a 10. No entanto, a minha posição de origem é a oito, sempre foi esse o lugar em que joguei em todos os clubes que representei», disse o jogador ao nosso jornal.

«A nível de golos tem sido a melhor época. Marquei seis para o campeonato e um para a Taça AF Braga. A forma como jogamos pode-me favorecer mais, mas também estou mais maduro e evoluí muito ao longo destes anos. Antes não sabia dosar o esforço, corria muito e às vezes desnecessariamente. Depois, quando chegava perto da área já não tinha o discernimento necessário e a capacidade física para resolver com sucesso os lances. A idade ajudou-me a melhorar nesse aspecto», junta o médio, de 28 anos, com formação no SC Braga e Merelinense.

«Estamos numa boa posição, dentro dos nossos objectivos, mas somos ambiciosos, se pudermos ficar no primeiro lugar não vamos querer o segundo. Entramos sempre para ganhar todos os jogos e o pensamento de todo o grupo é chegar ao primeiro lugar, agora se vamos conseguir só o tempo o dirá», aponta Ventura.

«Contra as equipas que andam lá em cima temo-nos batido bem, como demonstram os resultados, o problema tem estado nos outros jogos, com as equipas da parte de baixo na classificação. Pecamos na falta de concentração, se não fosse isso podíamos estar mais acima na tabela classificativa», anota.

«Contribuiu muito para a minha evolução»

O exemplo BS9 e o professor Pedro Pereira

Ventura não esconde a admiração e o respeito que nutre por Bruno Silva e Pedro Pereira. «O Bruno Silva, a cada ano que passa, vai surpreendendo muita gente, não só pela mentalidade, como por tudo que dá dentro do campo e no balneário. É um símbolo do clube

Base sólida

Ao longo dos últimos anos, o GD Prado não tem mudado muito de jogadores, mantendo quase sempre mais de metade do plantel no grupo de trabalho, que vai mudando apenas de treinador. Depois de um reinado de quatro anos de Zé Nuno Azevedo, a equipa alvinegra tem trocado de treinador todos os anos. Lelo, Márcio Azevedo e Rui Vasquinho foram os nomes que antecederam Miguel Magalhães.

«Claro que muda sempre alguma coisa, cada treinador tem a sua forma de treinar e ideia de jogo, mas como somos um grupo que joga junto há muito tempo é sempre mais fácil para quem chega de novo implementar a sua ideia de jogo. Com o “mister” Miguel Magalhães foi um processo tranquilo», assegura Ventura, que também aprova o regresso do “velho” modelo do campeonato.

«É o ideal para esta divisão. Até estou surpreendido porque há muito equilíbrio. Se olharmos para a tabela classificativa, exceptuando o FC Amares, a diferença pontual para quem está a lutar pela permanência não é muito grande, assim como na luta pelos primeiros lugares. Os jogos são muito equilibrados. Posso dizer que está a superar as expectativas, não pensei que ia ser tão competitivo, o modelo só trouxe coisas boas», aponta.

«Não me surpreendem as equipas que estão no topo, de certa forma já esperava. O que não estava à espera é que equipas como o Santa Maria andassem cá para baixo, mas não quer dizer que não vão acabar lá em cima. O Merelinense, clube da minha terra, também pensei que nesta altura não estivesse a lutar pela permanência. Depois, temos o Vieira, que arrancou forte e caiu de repente, não estamos habituados a vê-lo nestes lugares», referiu.

e mesmo do futebol distrital. O Pedro, posso confidenciar, foi dos jogadores que mais contribuíram para a minha evolução, aprendo com ele todos os dias», disse o jogador, que na sua posição tem como referências Enzo Pérez e Luka Modric.



«Queremos muito conquistar a Taça»

Prado não ganha o troféu há 47 anos

A última vez, e única, que o GD Prado conquistou a Taça da AF Braga foi na longínqua época de 1976/77. Já lá vão 47 anos. A partir daí marcou presença no palco da final por algumas vezes, mas a última foi na época de 2001/02. Por isso, é normal que os responsáveis do clube tenham uma vontade enorme de

voltar a levantar o caneco. Uma ambição que também contagia o plantel. «Quem não queria ganhar a Taça? É um troféu muito apetecido e uma festa bonita. O clube já não consegue ganhá-lo há muitos anos. Esperemos que seja este ano, mas isso também depende um pouco do sorteio», apontou Ventura.

«Só temos de nos preocupar em jogar»

Ventura feliz no Faial

José Ventura chegou há quatro anos ao Faial em plena pandemia. Uma época muito complicada, com sucessivas paragens no campeonato, um balneário dividido a dificultar a integração do jogador no seio do grupo de trabalho. «Os outros anos foram muitos positivos, pois cheguei a um clube estável que não falha com nada aos jogadores, aqui só temos mesmo que nos preocupar em treinar e jogar. Foi uma adaptação fácil, as pessoas são acolhedoras», confidenciou o médio.

«Sou um jogador que deixa sempre tudo em campo, até posso não jogar tão bem, agora de falta de compromisso nunca me podem acusar. Gosto de ter bola, jogar um futebol positivo, e com os treinadores com quem trabalhei aqui também acontece isso, partilham essa ideia. Sempre tivemos equipas ofensivas e isso adequa-se às minhas características como jogador», juntou.



LANK VILAVERDENSE FC



«O QUE MUDOU FOI O MEU CHIP»

► ► Lénio Neves agarrou lugar no onze do Lank Vilaverdense

Eleito melhor jogador do Campeonato de Portugal na última época, os primeiros passos de Lénio Neves no Lank Vilaverdense e na II Liga não foram fáceis, como o próprio admite, e o médio português teve de esperar por uma oportunidade. Agarrou-a assim que lhe abriram as portas para sair da sombra e, desde finais de Novembro, é presença habitual no onze de Sérgio Machado, contribuindo para a melhor fase da equipa na II Liga. «O meu chip mudou», assume ao Desportivo o médio de 23 anos e que já vai em dois golos marcados e três assistências na presente temporada.

Por que aceitou a proposta do Lank Vilaverdense e como tem sido a adaptação ao Norte?

Aceitei este convite porque é um clube que está a crescer e, como queria dar mais

um passo na minha carreira, achei que era a equipa certa para ingressar no futebol profissional. Encontrei um grupo top, que me recebeu muito bem. Não os conhecia, apenas de jogar contra alguns deles, mas receberam lindamente, não tenho nada a apontar. Já tinha vindo algumas vezes ao Norte e a adaptação também foi fácil.

Fale-nos um pouco do seu percurso como futebolista.

Comecei a jogar futebol no Loures com apenas seis anos. Depois fui para o Real Massamá para o escalão de juvenis e terminei a minha formação no Vilafranquense, por empréstimo, com a possibilidade de regressar aos seniores do Real Massamá, mas isso não aconteceu. Então fui jogar para o Alverca B e surgiu a hipótese de jogar em Inglaterra, mas devido à Covid-19 a transferência ficou congelada.

E depois?

Tive de regressar a Portugal, onde estive a treinar à experiência em dois clubes, nos quais acabei por não ficar. Nessa fase até pensei em deixar de jogar. Mas o Atlético deu-me a possibilidade de voltar a jogar e a ser feliz.

Foi uma fase menos boa da sua carreira?

Sim, foi ano e meio de muito sofrimento, passou-me tudo pela cabeça, mas graças a Deus voltei a ser feliz. No segundo ano fui mesmo considerado o melhor jogador do Campeonato de Portugal. Foi uma consolidação de dois anos de muito trabalho, apanhei uma equipa técnica que confiava muito em mim e os meus colegas também. Essa distinção também é muito deles e não só minha.

Como tem sido a adaptação à II Liga?

Não foi fácil. Senti muitas dificuldades,

pois foi uma mudança muito drástica. Demorei a adaptar-me ao ritmo, intensidade, ao jogo, a tudo. Agora, já estou bem enquadrado.

Que mudanças destaca da II Liga para o CdP?

É muito diferente, o ritmo é muito mais elevado e intenso, a forma de pensar é diferente, ao mínimo erro sofres golo, enquanto no Campeonato de Portugal ainda tinhas aquela brecha. São patamares muito diferentes. O ritmo e a qualidade dos jogadores fazem toda a diferença.

«É diferente jogar com mil pessoas e com 10»

O facto de a permanência ainda ser possível é uma vitória que já ninguém vos tira?

A permanência esteve sempre presente nos nossos pensamentos e estamos a trabalhar para isso. Agora não podemos desacreditar no nosso trabalho. Devemos acreditar, pois só assim podemos chegar lá. Não é fácil porque somos uma equipa nova nesta divisão a lutar contra outras com muita mais experiência na II Liga. Vai ser uma batalha difícil, mas acreditamos que vai ser possível.

E tudo seria diferente se não houvesse os problemas que se conhecem?

Só temos de nos preocupar com aquilo que controlamos, que é o treino e o jogo. Mas que isso dificulta também é verdade. Jogar com mil pessoas na bancada é muito diferente do que jogar com 10. Porém, não podemos centrar o foco nisso.

Foi contratado ainda com o aval do anterior treinador, mas começou a jogar regularmente com Sérgio Machado. O que mudou?

O que mudou foi o meu chip. No início estava numa fase de adaptação a esta nova realidade. Quando este treinador chegou já estava adaptado ao clube e ao futebol da II Liga. O “mister” Sérgio deu-me oportunidade para continuar a mostrar o meu valor.

Quais são as grandes virtudes como jogador?

Sou um jogador que dá tudo pela equipa, que gosta de assistir e marcar golos.

E o que acha que ainda pode melhorar?

Posso melhorar o jogo aéreo e o meu pé menos forte [esquerdo], já estou a ganhar agressividade.

«I Liga? É continuar a trabalhar»

Espera uma oportunidade

Lénio não se descose nas palavras quando lhe questionámos o que lhe falta para atingir o patamar mais alto do futebol nacional. O médio aponta ao trabalho diário e ao contributo exclusivo que, para já, quer dar ao Vila.

«O que é preciso para chegar à I Liga? É continuar a trabalhar e esperar que a oportunidade chegue. Não posso dizer que falta isto ou aquilo... Tenho de continuar a trabalhar bem, como tenho feito, e ajudar o Lank Vilaverdense a atingir os objectivos colectivos e as coisas irão acontecer naturalmente», atirou.

«O grupo soube unir-se»

Destaca o bom ambiente no balneário

Elogioso com um grupo que o recebeu «lindamente», Lénio revela ao Desportivo quem são os colegas mais próximos nesta aventura por terras vilaverdenses.

«O ambiente no balneário é muito bom, muita risada e brincadeira, mas quando é para trabalhar não se facilita. No momento mais difícil o grupo soube unir-se e dar uma resposta positiva. Somos um grupo unido dentro e fora do campo. O jogador mais próximo? Com a saída do Yannick, agora são o Gonçalo e o Armando, porque também moram comigo. Mas dou-me bem com todos», acrescentou o jogador.



LANK VILAVERDENSE FC

«Não tivemos competência, experiência e também alguma sorte»

Juniores do Lank Vilaverdense estiveram a um pequeno passo da fase de subida



Após quatro jornadas do fim da fase regular, o Lank Vilaverdense comandava a série A do Campeonato Nacional da II Divisão de juniores, mas duas derrotas consecutivas, diante do Varzim e do AVS, deitaram tudo a perder. A equipa caiu para o quarto lugar e apenas conseguiu recuperar um posto nos dois derradeiros jogos da prova, ficando no terceiro lugar, a três pontos da fase de subida, alcançada pelas equipas do Marinhãs e do Varzim.

«A minha meta, e a do grupo, era ficar nos dois primeiros lugares, mas o clube nunca nos impôs esse objectivo, apenas nos pediram para fazer crescer os miúdos. Estivemos muito perto e é normal que os índices de motivação tenham quebrado nestes primeiros jogos na fase de permanência. Mas temos de dar a volta, pois apesar de estarmos numa posição confortável para obter a permanência, no futebol tudo pode mudar de um momento para o outro», expressou ao nosso jornal Rui Pereira, que depois de uma década na formação do Gil Vicente decidiu mudar-se para Vila Verde.

«Sabia que ia ser um desafio difícil, numa

realidade e contexto diferentes. Estávamos a duas semanas de começar a época e ainda não tínhamos equipa, mas também vi com bons olhos experimentar uma realidade diferente com o objectivo de passar à fase de subida e tentar levar a equipa à I Divisão», contou o treinador, de 31 anos.

«O início foi muito difícil, mas conseguimos engrenar, virámos o ano em primeiro, mas depois não tivemos a competência, a experiência e também alguma sorte, que é sempre fundamental, para aguentar os dois primeiros lugares», juntou.

Rui Pereira sublinhou ainda que a falta de «competitividade, experiência e ambição» foram os principais obstáculos que encontrou.

«É um grupo de jogadores com poucas vivências de campeonatos nacionais e, por isso, a falta de competitividade foi o que mais senti neste grupo. Mas com muito trabalho fomos crescendo e melhorando. No entanto, muitos destes jovens são de segundo ano e sentem que a oportunidade de singrar no futebol é cada vez mais uma miragem e ficam mais desleixados, com pouca ambição de querer vencer. Tivemos de lhes inculcar isso tudo.

Mas sinto que houve uma evolução tremenda», anotou.

«Pode haver um ou dois jogadores que possam fazer parte da equipa principal no imediato, mas a maioria ainda tem de “comer muita sopa” para lá chegar, o que também é compreensível, pois nunca tinham competido nos Nacionais e os outros não eram titulares nas suas equipas. Temos também alguns

jogadores que jogavam no Vilaverdense, nos distritais», apontou.

Rui Pereira revelou ainda que existem conversações para a sua continuidade. «Este ano descem cinco equipas e próxima época o campeonato vai ser muito mais competitivo. Para eu ficar têm de mudar algumas coisas, até porque as expectativas vão estar mais elevadas», concluiu.



(esquerda) Pedro Abreu, treinador estagiário, Rui Pereira, treinador principal, Mário Barbosa, treinador adjunto e José Machado, team manager

«Seria um sonho representar a equipa principal»

Daniel está de regresso a casa

Daniel Gonçalves está de regresso às origens. Depois de ter jogado no Vilaverdense até aos iniciados, o médio saiu para o Gil Vicente, onde conquistou dois troféus. «Foi uma boa experiência, ganhei dois títulos, e para estar aqui é porque fiz um bom trabalho, pois o Lank Vilaverdense é um bom clube. No final da época soube que não ia ficar no Gil Vicente e o “mister” convidou-me para regressar. Não pensei duas vezes, pois sou um vilaverdense de gema», contou o jovem atleta, que está a cumprir o primeiro ano no escalão de juniores.

«Não conseguimos o nosso primeiro objectivo, que era passar à fase de subida, mas sinto que estamos a fazer uma boa época, temos uma equipa com muita qualidade. Temos de provar isso na fase de permanência, pois queremos passar esta fase com tranquilidade», disse o médio.

«Sempre acompanhei os seniores do Vilaverdense e um dia gostava de representar o clube da minha terra na equipa principal. Partilhar o balneário com os muitos jogadores que são minha referência seria muito bom, um sonho. Acredito que possa acontecer», atirou.



«Claudicámos na recta final»

Luiz Kleim (capitão)

«Estava a jogar nos EUA e o meu empresário trouxe-me para o Braga, depois é que vim para o Lank Vilaverdense. O primeiro ano não foi fácil, pois o futebol é muito diferente, principalmente a nível táctico, e também não tinha nenhum brasileiro na equipa. Agora já estou perfeitamente adaptado. Queríamos ficar nos dois primeiros lugares, mas claudicámos na recta final e perdemos a oportunidade de lutar pela subida. Agora o foco é não descer. O meu sonho sempre foi chegar ao futebol profissional, vou trabalhar para que isso se concretize».



GDR RIBEIRA NEIVA

«Há muita gente a tentar desestabilizar o clube»

Diogo Pereira, Presidente do Ribeira do Neiva, fala do momento menos bom da equipa sénior



Depois de dois anos de sucesso com a conquista do título de campeão na série A da I Divisão da AF Braga e um campeonato de excelência na Divisão de Honra, com o apuramento para a fase de subida à Pró-Nacional e a chegada inédita aos quartos-de-final da Taça, o GDR Ribeira Neiva está a viver uma época de grande instabilidade desportiva. A equipa está em zona de descida na série A da Honra e já vai no terceiro treinador da época. Na entrevista ao Desportivo, Diogo Pereira, Presidente do Ribeira, abordou todos os assuntos sem

tabus e assume a responsabilidade pelo mau momento da equipa sénior. «Cometemos alguns erros no início da época e estamos a pagar essa factura», refere.

Esta época já teve mais treinadores do que durante os seus mandatos todos. O que se passou?

É verdade. É uma instabilidade desportiva a que não estava habituado. Há 10 anos que estou no futebol e é a primeira vez que isto me acontece. É um momento menos bom. Cometemos alguns erros no início da época

e estamos a pagar essa factura. Queríamos andar no meio da tabela para fazer um campeonato tranquilo. Está a ser uma época atípica, mas tenho de assumir as minhas responsabilidades pela má época desportiva. Agora não me podem é acusar de não tentar fazer nada para tentar melhorar as coisas.

Depois de duas épocas de sucesso, o que falhou com Zequinha?

Deixei o Zequinha trabalhar à vontade, pois era um treinador com trabalho feito no clube. Um dos erros foi ter construído

um plantel tão curto, mas foi opção dele. Quando colocou o lugar à disposição tinha de aceitar porque as coisas não estavam a funcionar. Não era bom ele ficar porque as coisas podiam vir a deteriorar-se e isso ia apagar tudo de bom que ele fez nos últimos dois anos. O Zequinha ficará para sempre ligado à história mais recente deste clube.

«Faltou liderança»

Com António Almeida as coisas também não melhoraram.

Nos dois meses que trabalhou aqui trouxe profissionalismo ao clube, muita entrega e dedicação, nisso foi um exemplo, mas penso que lhe faltou um pouco de liderança. A mensagem dele não estava a passar. No entanto, foi um treinador que apostou na formação, alguns jogadores jogaram mais com ele do nas últimas três épocas. É um homem de coragem. Agradecemos-lhe o trabalho que fez no clube.

Porquê a escolha de Vitinho agora?

O Vitinho foi um treinador que esteve em cima da mesa como estiveram outros para substituir o Zequinha, mas achei que o António Almeida seria uma melhor aposta pelo facto de não conhecer ninguém no plantel. O problema está dentro do balneário, porque os jogadores não deixaram de saber jogar à bola. O Vitinho já fez regressar o Rafa e o Artur e espero que dê aquele clique que falta no balneário para que os jogadores voltem a ter a mesma garra, união, determinação e coragem, que são características deste plantel nos últimos anos.

O que se passou para terem perdido esses atributos?

Temos jogadores aqui desde o início do projecto e penso que o plantel se acomodou. Depois, o sucesso do clube nos dois últimos anos fez dor de cotovelo a muita gente. Noto que muita gente está interessada em desestabilizar o clube.

«Seria um falhanço não conseguir a permanência»

Presidente pede o apoio dos adeptos

Diogo Pereira acredita que ainda é possível evitar a descida de divisão. O líder do Ribeira do Neiva considera mesmo que seria um «falhanço» a equipa voltar à I Divisão e deixa um apelo aos adeptos do clube: «Pedia aos nossos sócios que voltassem a mostrar a onda verde de outros tempos».

É fundamental para o projecto da Ribeira manter a equipa na Honra?

Não, mas é uma questão de mérito. Depois de tudo o que passamos para voltar a colocar o clube na Honra não queria descer novamente. Não é fundamental para a sobrevivência do clube, como não é fundamental subir à Pró-Nacional, mas o clube tem estrutura e condição para se manter na Honra. Chegámos aqui com mérito próprio. Por isso, considero que seria um falhanço. Tenho mais um ano de mandato e queria deixar o clube estabilizado para quem vier a seguir.

Vai ser uma luta pela permanência até às últimas jornadas?

Este campeonato está muito mais forte, com equipas muito bem preparadas, com equipas técnicas muito experientes e jogadores com muita qualidade. Se calhar somos a equipa com o orçamento mais baixo a competir nesta divisão, mas acredito que é através da união e do trabalho que se constroem vitórias. Vamos ter 10 finais pela frente e temos de concentrar todas as nossas forças no que nos falta jogar no campeonato. Também deixo aqui um pedido aos nossos adeptos para que voltem a mostrar a onda verde que tanto nos ajudou no passado. A equipa precisa mais deles nos maus momentos do que nos bons. Compreendo que os maus resultados os tenham afastado dos jogos, mas precisamos muito do apoio deles nestes 10 jogos muito importantes para o clube. Espero que mostrem aos jogadores que estão com eles nesta luta.



GDR RIBEIRA NEIVA - FEMININO

«Temos jogadoras com muito potencial»

GDR Ribeira do Neiva aposta no futebol feminino

O GDR Ribeira do Neiva apostou na época passada na formação de uma equipa de futebol feminino para disputar os campeonatos distritais da AF Braga nos escalões de sub-15 e 17. Um projecto comandado desde o início pelo treinador João Paulo, que falou com o nosso jornal sobre a evolução das atletas num contexto complicado devido a estarem a jogar com equipas constituídas por jogadoras mais velhas. No entanto, o jovem técnico mostrou-se muito satisfeito com crescimento da equipa e augura um futuro risonho para muitas destas atletas.

«Está a ser uma boa experiência, já tinha treinado uma equipa de futebol feminino, mas não é a mesma coisa do que iniciar um projecto de raiz como este. Está a dar-me um prazer enorme ver a evolução destas jogadoras. Elas têm respondido bem ao que nós lhe pedimos e têm estado a fazer um trabalho excepcional», começou por dizer João Paulo.

O treinador refere ainda que este trabalho tem mais valor pelo facto de o grupo ser muito heterogéneo. «É um plantel muito difícil de gerir por ser muito heterogéneo, ou seja, nós temos jogadoras de primeiro ano infantil até segundo ano de juvenis. Tentamos dividir por idades para melhorar o treino, mas é muito difícil. No entanto, apesar desta dificuldade, elas estão a evoluir muito», acrescentou o técnico da equipa feminina do Ribeira do Neiva.

«Na minha opinião, planeámos mal a época, porque estamos a competir no campeonato de sub-17 apenas com três jogadoras com idade juvenil. E neste campeonato as equipas têm a possibilidade de trazer três jogadoras do escalão júnior para os jogos, o que dificulta ainda mais a nossa tarefa. Estas jogadoras fizeram um ano de futebol 7 e este ano passaram para o de 9, com a dificuldade acrescida de jogarem contra atletas mais velhas. É um contexto muito difícil e espero que para o ano se corrija isto», apontou.

Apesar dos resultados desportivos não serem o mais importante numa equipa que está em contínua formação, João Paulo mostrou-se contente com os resultados alcançados no campeonato.

«Os resultados desportivos devem ser



sempre consequência do trabalho que desenvolvemos. Mesmo assim, com todas as dificuldades que enumerei, temos ganho vários jogos e conseguido competir com as outras equipas. Isso é muito positivo. Elas tentam mesmo perceber o que estão a fazer. Não me lembro de treinar uma equipa que tivesse uma evolução tão rápida», anotou o técnico, apontando um futuro «risinho» para muitas destas atletas.

«Temos muitas atletas com potencial. A Cátia, não sendo a única com qualidade, foi chamada à Selecção Distrital de sub-14. E, inevitavelmente, para o ano vamos perder algumas jogadoras para equipas mais fortes, mas isso também nos deixa orgulhosos, pois é sinal que estamos a fazer o nosso trabalho bem feito. No entanto, o clube tem obrigação de criar condições para que elas não saiam para termos equipas competitivas, mas tem de ser um trabalho sustentado», refere.

João Paulo diz que o planeamento dos treinos não difere das equipas masculinas, havendo apenas alterações na forma de lidar com as atletas. «O treino é igual, o que muda um pouco é o trato, temos de ter

mais cuidado na forma como falamos com elas. As jogadoras têm mais predisposição para aprender e têm mais curiosidade em

perceber o jogo. Mas quando as coisas não estão tão bem o estado emocional é mais difícil de controlar», concluiu.



João Paulo, segundo à esquerda, com o adjunto, Pedro Alpoim e as diretoras Alexandra e Cristina

«Sempre gostei de jogar à bola»

Lara

«Sempre gostei de jogar futebol e queria jogar, mas os meus pais não apoiavam muito a ideia. Tinham medo que eu me magoasse, mas depois consegui convencê-los. Entrei para a equipa no ano passado e tenho evoluído muito, quer tecnicamente, quer na forma de perceber o jogo. Jogo a média e tenho feito alguns golos. Somos uma equipa muito unida dentro de fora do campo».



«A época está a correr-me bem»

Cátia

«A época está a correr-me bem e já fui chamada aos trabalhos da Selecção Distrital de sub-14. Mas isso também se deve aos nossos treinadores e colegas de equipa, que me têm ajudado muito. Já jogo na Ribeira há muitos anos, vim para aqui ainda muito pequena. É bom jogar cá. Temos jogos que nos correm melhor e outros pior, mas é futebol. Claro que gostava de ser jogadora. Jogo na defesa e a avançada e gosto muito da Kika Nazareth».



«Evoluímos muito»

Inês

«Entre para a Ribeira quando formaram a equipa. O meu gosto pelo futebol começou na escola quando jogávamos à bola nos intervalos. Depois, o clube veio à nossa escola perguntar quem queria ir jogar para lá e juntei-me a esta equipa maravilhosa. O campeonato está a correr dentro da normalidade, já ganhámos alguns jogos, mas o mais importante é que crescemos como equipa e individualmente. Sou defesa e gosto da Marta Fernandes».



CN PRADO

Noite de glamour, surpresas e muita aaminação no dia em que o CN Prado completou 42 anos de existência. Este ano, a Gala de Mérito coincidiu com o dia de aniversário do clube, 24 de Fevereiro de 1982, num ano excepcional ao nível dos resultados desportivos, com a conquistas de 82 medalhas e 36 títulos nacionais, que vieram embelezar ainda mais o museu do clube mais titulado do Concelho de Vila Verde.

Ao longo da noite, a Direcção do CN Prado, liderada por Alexandre Miguel, homenageou e distinguiu atletas, treinadores e dirigentes, com dois nomes a merecerem a maior ovação de um salão que juntou perto de 200 pessoas. Manuel Gonçalves, sócio número dois do CN Prado, recebeu a “Pagaia de Platina”, e José Ramalho, Director Técnico e atleta do clube, levou para a casa a “Pagaia de Mérito”, com a promessa de ver o seu nome inscrito na Rotunda do Canoísta.

O Desportivo esteve à conversa com o Presidente do CN Prado. Alexandre Miguel não escondeu a satisfação com os resultados desportivos no ano de 2023. «Foi mais um ano em que continuámos a somar vitórias. Celebrámos todos os feitos da época de 2023, desde das 82 medalhas que conquistámos, às três Taças de Portugal, um feito inédito, não deixando de relembrar todos os que colaboram e nos ajudam, os nossos parceiros, aos membros dos nossos corpos sociais. Também laureámos um dos nossos membros, o senhor Manuel Gonçalves, com a “Pagaia de Platina”. Devido a problemas de saúde não pôde estar presente, mas já nos disse que tem em casa uma garrafa de champanhe fresquinha para abrir quando formos lá entregar o galardão», contou Alexandre Miguel.

«Continuamos a notar que a nível governativo há pouco apoio para os atletas mais velhos, que chegam a um ponto da carreira em que têm de optar pelos estudos ou trabalho. Estamos a poucos dias das Eleições Legislativas e ainda não ouvimos uma única palavra sobre a política desportiva em Portugal», lamentou.

Aumentar número de atletas

Ano após ano, o CN Prado tem-se aproximado no Náutico de Ponte de Lima, clube que tem dominando o Nacional de Clubes. «Temos a noção que seremos sempre um clube de formação, pois não temos capacidade para remunerar atletas, mas mesmo assim o nosso objectivo de sermos cam-



► ► Clube assinalou os 42 anos de vida com reconhecimento do mérito desportivo

peões nacionais mantém-se e vamos pelos menos tentar renovar um ou dois títulos das Taças de Portugal durante este ano», prometeu.

«Temos pernas para crescer, mas se calhar temos de mudar um pouco a forma de ver os atletas, de trabalhar com eles, temos de ser mais completos e, para além das actividades desportivas, temos de oferecer apoio aos estudo, é para isso que precisamos da ampliação das instalações», acrescentou

Alexandre Miguel.

«No ano passado chegámos aos 220 atletas, mas a época de Inverno é sempre um pouco assustadora e ano foi muito rigoroso, com muitas cheias, devido ao facto de terem aberto as barragens, e não tivemos a possibilidade de treinar durante alguns dias. Ainda assim, investimos em alguns equipamentos para treinar em terra», destacou.

Nova carrinha e ampliação das instalações

O CN Prado recebeu como prenda de anos uma carrinha seminova de oito lugares e ainda este ano espera arrancar com as obras para a ampliação das suas instalações. «Esta viatura vai-nos permitir transportar os atletas de uma forma segura para os treinos e provas, já que as outras não tinham essas condições. Já reunimos com o arquitecto e esperamos arrancar o mais breve possível com a ampliação das nossas instalações, só assim é que o clube pode pensar em crescer,

Premiados



Atleta revelação:
David Macedo



Pagaia Valor:
Catarina Afonso



Pagaia de Honra: Ana Quintão de Brito, Maria Inês Brandão, Leonor Carvalho, Afonso Ferreira, Afonso Pereira e Daniela Gonçalves



Pagaia de Mérito:
José Ramalho



se não corremos o risco de estagnar. O Concelho tem de começar a separar as águas, a canoagem não é como o futebol. Seria de bom tom que os nossos atletas tivessem mais reconhecimento público, como noutros Concelhos. Lembro que este ano conseguimos 36 títulos nacionais», recorda.

Rigor financeiro

Alexandre Miguel diz que o CN Prado sempre se pautou pelo rigor económico, o

que lhe permitiu ao longo destes anos navegar em águas calmas. «Nisso também temos de agradecer ao nosso “Pagaia de Platina”, Manuel Gonçalves, tesoureiro do clube, que sempre foi o guardião do forte. Quando ele nos dizia “atenção que a acendeu a luz de reserva”, já sabíamos que tínhamos de ter mais cuidado. No entanto, com a ajuda dos nossos parceiros, do Município e da Junta de Freguesia temos condições de realizar uma época tranquila», disse.



Pagaia de Platina:
Manuel Gonçalves



Pagaia de Reconhecimento:
Vitor Félix

«O Presidente da República tem de reconhecer José Ramalho»

Vitor Félix vai deixar a presidência da FP Canoagem

O Presidente da FP Canoagem, Vitor Félix, mais uma vez marcou presença na Gala de Mérito do CN Prado. O clube atribuiu-lhe a “Pagaia de Reconhecimento” e o responsável máximo pela canoagem nacional retribuiu o gesto ao entregar uma lembrança de agradecimento ao CN Prado e também ao Município de Vila Verde, pela forma como contribuíram para o «crescimento da modalidade».

«Somos uma referência a nível nacional e o segredo está na família da canoagem. Tenho dito que a canoagem tem duas marcas de sucesso: os resultados desportivos e a qualidade da organização das provas internacionais. E se há clube que tem contribuído para essas duas imagens de marca tem sido o CN Prado e também a Câmara Municipal

de Vila Verde. Foram um exemplo na organização de provas internacionais», apontou Vitor Félix.

«Há uma coisa que me penalizo: não consegui inverter a tendência do não financiamento da nossa modalidade. Mas até ao final do meu mandato prometo que vou lutar para que um dos nossos maiores atletas de sempre possa ser reconhecido pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Alguém que é sete vezes Campeão da Europa e três vezes do Mundo não pode passar em branco. O Presidente da República tem de reconhecer o mérito do José Ramalho», disse o Presidente da FP Canoagem, que está de saída no final do ano, após 12 anos a comandar a canoagem nacional.

«É o clube que leva mais longe o nome do Concelho»

Vereador do Desporto enalteceu trabalho do CN Prado

O Vereador do Desporto do Município de Vila Verde, Patrício Araújo, anunciou que José Ramalho também irá ter o seu nome na Rotunda do Canoísta. «Ele merece ter o seu nome ligado a este tributo aos canoístas e, por isso, brevemente vamos colocar o seu nome na Rotunda dos Canoístas», revelou o autarca.

«Este é o clube que leva mais longe o nome do Concelho e da Vila de Prado, é o melhor, neste momento, e o que melhor nos representa», juntou Patrício Araújo,

que deixou críticas ao Governo.

«A canoagem tem sido pouco reconhecida pelo poder central e tem praticamente o mesmo nível de apoio de há uns anos. Desejo que a mudança no dia 10 de Março chegue e que mude a forma como se olha para a canoagem. Já é tempo de o poder político reconhecer o trabalho da canoagem pela dinâmica que tem desenvolvido, tanto em termos de atletas, como em resultados desportivos», concluiu.



«O Nacional de clubes não se ganha apenas com títulos»

José Ramalho quer aumentar o número de canoístas

José Ramalho disse que é «reconfortante» receber tantos elogios quando está a caminho dos 42 anos. O Coordenador Técnico do CN Prado enalteceu também o trabalho desenvolvido pelo clube, mas deixou um alerta. «Temos sempre o objetivo de sermos campeões nacionais de clubes, mas ainda nos falta volume de atletas para competir com o CN Ponte de Lima.

Temos de trabalhar mais, reter os atletas que temos no Verão. É um trabalho que temos de fazer e a ampliação das instalações também iam ajudar. O clube tem de pensar nisso, pois resultados nós temos, aliás, conquistámos 82 medalhas e três taças nacionais, agora falta-nos volume de atletas para chegar ao título nacional de clubes», anotou.

GD CALDELAS

«O grupo está confiante que ainda pode chegar ao primeiro lugar»

Edu quer ajudar o GD Caldelas e regressar à Honra



Eduardo Gonçalves, conhecido no mundo da bola por Edu, está a viver uma segunda vida no GD Caldelas. Depois de uma passagem fugaz pelo clube, na época de 2020/21, o guarda-redes regressou ao parque de jogos das Cachadinhas para provar que tem valor para ser o número 1 da baliza dos caldelenses.

«Na minha primeira passagem pelo clube as minhas ideias não coincidiam com as do treinador e acabei por sair muito cedo para o Martim B. Este ano falei com o Tekla, que foi meu colega nessa altura, para saber qual a possibilidade de regressar. Ele colocou-me em contacto com os responsáveis do Caldelas e foi fácil chegar a um acordo, pois

é uma casa de que sempre gostei muito», contou ao nosso jornal o guardião. «Individualmente, a época está a correr bem, estou a ter muitos minutos e penso que tenho ajudado a equipa», juntou o jogador, de 23 anos, olhando depois ao trajecto do grupo de trabalho caldelense.

«Colectivamente, podíamos estar melhor, é uma realidade. Estamos em terceiro, a quatro pontos do Lanhas, mas ainda falta muito campeonato. É verdade que perdemos pontos em jogos com adversários directos e agora a margem de manobra é muito curta, mas, como referi, ainda estamos a começar a segunda volta do campeonato. O futebol é o momento e tudo pode mudar de um

jogo para outro», apontou.

Edu não esconde que a equipa tem cometido alguns erros nos jogos com os adversários directos, com os quais so-

freram as três derrotas no campeonato, mas diz que a sorte, ou a falta dela, e as más arbitragens também não ajudaram.

«Tivemos azar em certos momentos do jogo e algumas arbitragens que nos prejudicaram. Em Granja sofremos um golo na compensação e lembro que no jogo com Os Ceramistas, e mais recentemente, com o Carreira, fomos prejudicados pela mesma árbitra. Em Carreira estávamos a ganhar, por 0-1, e ela expulsou o Renato, com dois amarelos, que não se justificavam e acabámos por perder 2-1, já nos descontos. Só a partir desse jogo é que a AF Braga começou a ter mais cuidado nas nomeações. É verdade que para uma equipa que quer lutar pela subida já perdemos muitos pontos, mas nada está perdido e não vamos deitar a toalha ao chão, até porque os nossos os adversários ainda vão jogar entre si. O grupo está confiante que ainda pode chegar ao primeiro lugar», referiu o jogador, que já actuou nos três campeonatos da AF Braga.

«A nossa série tem algumas equipas fortes, com jogadores que já pisaram outros palcos e está a ser um campeonato equilibrado, como se pode verificar pela tabela classificativa. No entanto, ainda existe uma diferença substancial em relação à Divisão de Honra. Aqui as equipas procuram um futebol mais directo e temos de jogar em quatro pelados, já não me lembrava disso», atirou.

Mais de 45 minutos sem se lembrar de nada No jogo com o Aboim

No último jogo, em casa, com o Aboim, Edu viveu uma situação insólita. Na parte final dos primeiros 45 minutos, o guarda-redes chocou com um adversário e partiu desse momento, apesar de ter continuado em campo, não se lembra de mais do que se passou no jogo. «Depois do choque conse-

gui continuar a jogar, mas não me lembro de mais nada do que se passou. A única coisa que me recordo é de estar no hospital, onde fiz dois TAC que, felizmente, não acusaram nada de grave. O médico no hospital disse-me que perdi a memória, que pode acontecer», contou Edu.

«Não sou pica miolos»

Chegou a fazer uma pré-época no Vilaverdense

Com um percurso futebolístico feito na formação do Nogueirense, clube da sua terra de origem, Maximinense, GD Prado e Ceilirós, Edu estreou-se como sénior com a camisola do São Paio d' Arcos, na época de 2019/20. No ano seguinte, recebeu um convite para representar o Vilaverdense FC, que tinha acabado de regressar ao Campeonato de Portugal, pelas mãos do treinador Hugo Santos. No entanto, a entrada do grupo Lank mudou todos os cenários com a debandada de quase todo o plantel.

O guarda-redes prosseguiu a sua carreira no Pedralva, num ano marcado pela Covid-19, e depois, ingressou no Caldelas, mas acabou por sair pouco tempo depois para o Martim B,

com a promessa de subir à equipa principal. Na época passada, participou em quatro jogos pelo Esporões, no campeonato da Divisão de Honra.

«Gostava de jogar com mais regularidade na Honra ou mesmo na Pró-Nacional, mas estou num bom clube, que tem boas condições, esse também foi um aspecto que pesou no meu regresso», confidenciou o jogador.

«Sou um guarda-redes que gosta de jogar fora dos postes, comunico bem com a equipa, sou o último e tento ajudar, mas não sou "pica miolos"», referiu o guardião que tem como referência Thibaut Courtois, guarda-redes do Real Madrid.



GCDR LANHAS

«Queremos muito dar uma alegria ao clube»

Paulinho acredita que o Lanhas vai conseguir manter o primeiro lugar

O GCDR Lanhas subiu à liderança na série A da I Divisão à segunda jornada, tendo apenas deixado de ser líder por oito dias, quando perdeu o primeiro lugar para Os Ceramistas, na ronda seis do campeonato. No entanto, na jornada seguinte, a 19 de Novembro, a equipa de Cristiano Ferreira assumiu em definitivo o comando do campeonato. Neste momento, lidera a competição com mais cinco pontos que o Granja, embora a equipa barcelense tenha dois jogos em atraso.

«Estamos confiantes e vamos tentar manter o primeiro lugar para sermos campeões. O clube já merece uma alegria. Na época passada começámos bem, mas depois entramos numa má fase e apenas conseguimos recuperar na segunda volta, mas já era tarde, pois a distância pontual era muita», disse ao Desportivo Paulo Fernandes, conhecido por Paulinho.

«O grupo está imbuído nesse espírito. O que se passou com o Marco ainda ajudou mais a reforçar a união no balneário. Queremos muito oferecer-lhe o título», juntou o avançado, de 25 anos.

Nos 16 jogos disputados até ao momento, o Lanhas apenas sofreu duas derrotas, com o Caldelas (fora) e com a Lage (casa), e um empate com Os Ceramistas (casa). Paulinho

diz que ainda não encontrou uma equipa que fosse superior ao Lanhas.

«Em Caldelas fizemos um mau jogo e com a Lage não fomos eficazes, mas estou surpreendido com a campanha deles, para uma equipa que veio da Inatel estão a fazer um bom campeonato. Esperava mais um pouco do Caldelas, pois é uma equipa que desceu de divisão. As equipas de Barcelos são sempre candidatas e adversários difíceis. O campeonato está mais partido do que no ano passado. Há cinco ou seis equipas a lutar pelos primeiros lugares e depois o resto está mais abaixo na tabela», proferiu o jogador, destacando o pragmatismo com um factor importante para o êxito da equipa.

«Este ano, temos sido mais pragmáticos e o facto de muitas vezes marcarmos cedo ajuda-nos a gerir melhor os jogos. Se as coisas se mantiverem assim o jogo que poderá decidir o campeonato é quando recebermos o Granja, a quatro jornadas do fim», apontou o jogador, que esta época apenas marcou seis golos.

«Tenho jogado mais nas alas e por isso tenho mais assistências, marquei três golos, mas isso é o menos importante, até porque o Pedrinho tem feito bem esse serviço. O que interessa é a equipa ganhar, nem que seja o guarda-redes a marcar», proferiu.



«Sinto-me bem em Lanhas»

Chegou ao clube ainda com a idade de juvenil

Natural de Caldelas, no concelho de Amares, Paulinho chegou ao GCDR Lanhas há oito temporadas para a então equipa de juvenis e nunca mais deixou o clube. «Sinto-me bem aqui, sou bem tratado. Apesar de ao longo destes anos ter recebido algumas

propostas, mesmo de clubes de divisões acima, nunca quis sair. O grupo é bom, o ambiente também e gostava muito de ajudar o Lanhas a ganhar um título», disse o jogador, que passou pela formação do Caldelas e do FC Amares.

ACDR OLEIROS

«Pensava que íamos andar no meio da tabela»

António Silva, Presidente do Oleiros, insatisfeito com os resultados da equipa



ACDR Oleiros somou apenas quatro pontos na série A do campeonato da I Divisão, fruto de uma vitória, diante do Cabanelas, por 1-2, e um empate, 2-2, com o S. Veríssimo B. A equipa, agora orientada por Eurico, que transitou da equipa anterior liderada por Filipe Costa, ocupa o penúltimo lugar na tabela classificativa. Uma posição que não agrada nada ao Presidente do clube.

«Claro que esperava mais e basta olhar para a classificação. Com a equipa que formámos pensava que podíamos estar para cima do meio da tabela. O que falhou? Olhe, na primeira volta o nosso treinador tomou algumas opções erradas, mas as lesões e alguma falta de sorte também não ajudaram. Mas não vale a pena chorar mais. Repare que as duas equipas que estão nos últimos lugares jogam em pelados», anotou António Silva.

«Não é fácil convencer jogadores e mesmo treinadores para virem trabalhar aqui. Fiz

alguns convites a muitos jogadores e a treinadores, e mesmo a pagar algum dinheiro, não quiseram vir e depois foram para os nossos rivais. Mas também os compreendo porque ainda no domingo (o jogo com a Lage foi adiado) o nosso campo parecia o rio de Prado», acrescentou o Presidente do Oleiros, que espera terminar o campeonato com «mais alguma dignidade».

«Este treinador, com a minha ajuda, está a trabalhar bem, estamos a jogar muito melhor. No ano passado tinha uma equipa mais fraca e estávamos melhor classificados e até quando foi o sorteio pensei que o campeonato ir ser acessível, mas enganai-me, há muito boas equipas e jogadores. Nós vamos tentar subir mais uns lugares e terminar o campeonato com alguma dignidade», disse António Silva, apontado a equipa do Lanhas como a «melhor do campeonato», devido ao «forte investimento que fizeram nos jogadores e equipa técnica».

CD LAGO



► ► CD Lago movimenta cerca de 120 crianças e jovens na formação

A formação do CD Lago movimenta cerca de 120 crianças e jovens. Esta época tem sido muito produtiva, com as duas equipas de iniciados (futebol 11 e 9) na luta pelo título distrital e os infantis e benjamins inseridos no Grupo 1, de onde vão sair os novos campeões de série. O Desportivo foi conversar com os treinadores do CD Lago para conhecer melhor as razões para este sucesso do único clube do Concelho de Amares que se dedica em exclusivo à formação.

Luís Correia, treinador dos infantis, destacou o ambiente familiar que se vive no clube.

«Muitas vezes temos de sacrificar a nossa

vida pessoal em prol do clube, mas quando se corre por gosto custa sempre menos», disse o treinador, natural de Braga, mas a residir em Lago desde 2021.

«Ao fim de 40 anos devíamos ter melhores condições, a Direcção devia fazer um esforço para dar melhores condições, isso também ia atrair mais miúdos para o clube. Falta-nos balneários e uma bancada para os pais verem os jogos. Vamos a outros campos e a diferença é muito grande. Os miúdos vão trazendo os amigos e vão ficando porque temos um ambiente familiar, harmonioso, com pessoas fantásticas», apontou o treinador, que levou a equipa de infantis à fase de apuramento do campeão.

«Temos muita qualidade, não é por acaso que tanto os benjamins com os infantis ficaram no Grupo 1», destacou.

Vítor Silva diz que foram os filhos que o «arrastaram» para o futebol. O timoneiro da equipa de benjamins lamenta que as infra-estruturas não tenham acompanhado a evolução desportiva. «Já estou aqui há cinco anos e as condições são as mesmas, infelizmente as instalações não acompanharam a evolução desportiva», apontou.

«Temos uma política no clube em que todos os jogadores têm de jogar. Como temos 19 miúdos e taxa de assiduidade aos treinos de mais de 80% quando rodamos a equipa nota-se um grande desequilíbrio nos jogos.

Os miúdos têm evoluído, mas ainda lhes falta alguma agressividade, no bom sentido. Nesta fase estão a jogar com as equipas mais fortes do seu escalão, com maior poderio. Mas é assim que eles evoluem», destacou.

O treinador dos juvenis, Renato Pimentel, diz que nestas idades não se deve impor aos jogadores a pressão dos resultados. «Temos uma equipa quase toda do primeiro ano, e quando é uma equipa nova demora mais tempo a maturar o processo, mas já estamos a engrenar e os resultados estão a surgir, mas sem pressão nos jogadores, porque isto é formação, não devemos inculcar a pressão do resultado», disse.

«Gosto de ser guarda-redes»

Bruna (petizes)

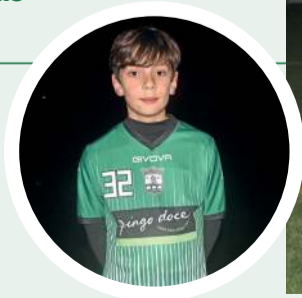
«Jogo no CD Lago há dois anos. O que mais gosto é de fazer é ir à baliza, ser guarda-redes, não conheço nenhum guarda-redes, gosto é do Cristiano Ronaldo. Aqui divirto-me muito com os meus amigos e também aprendo muitas coisas sobre futebol, mas não quero ser jogadora, quero ser cabeleireira.»



«Tenho aprendido muitas coisas»

Eduardo (traquinas)

«Sou de Barreiros e vim para o Lago, há cinco anos, por causa do meu irmão. Tenho aprendido muitas coisas, a fazer passes, assistências, fintas e remates à baliza. O campeonato está a correr mais ou menos, só ganhámos um jogo mas isso não importa. Jogo a médio e defesa e o meu jogador preferido é o Neymar.»



Petizes e traquinas



«Estamos a jogar com os melhores»

Afonso (benjamins)

«Sou de Soutelo e vim para o Lago devido ao meu irmão também jogar no clube. Fizemos uma boa primeira fase e conseguimos passar à fase dos campeões onde estamos a jogar com as melhores equipas. Agora queremos divertir a jogar e tentar somar alguns pontos. Temos uma boa equipa e o nosso treinador ensina bem. O meu jogador preferido é Cristiano Ronaldo».



Benjamins



«Fizemos uma boa primeira fase»

Rodrigo (infantis)

«O meu amigo Miguel veio jogar para aqui e como já fazíamos muitas coisas juntos decidi acompanhá-lo em mais uma aventura. A nossa primeira fase do campeonato correu muito e ficámos no grupo das melhores equipas que vão discutir o título. Por isso, já estamos de parabéns. Vencemos o último jogo, uma vitória que nos vai motivar para o resto do campeonato. Tanto posso jogar na frente como a lateral, faço várias posições. O meu ídolo é o Messi».



Infantis



«A formação está melhor estruturada»

José (juvenis)

«Entre para o Lago no escalão de traquinas e nunca mais saí do clube. Gosto de estar aqui com os meus amigos, já nos conhecemos há muitos anos. O clube tem evoluído muito, mas falta-nos algumas condições como os novos balneários, mas nota-se que a formação clube está muito melhor estruturada. Temos melhorado a nossa prestação ao longo do campeonato, vamos ver se ainda conseguimos chegar ao pódio».



Juvenis

RENDUFE FC

Flávio Peixoto, ou Ginho como é conhecido na tribo da bola, é um dos jogadores mais experientes do plantel do Rendufe FC. No seu primeiro ano no clube, o avançado contribuiu com golos (20) para a subida inédita dos rendufenses à Divisão de Honra da AF Braga.

«O primeiro ano foi de adaptação e até correu bem, pois subimos de divisão e fiz um bom campeonato. Este ano estou muito mais integrado com a equipa e o clube, que me recebeu muito bem. Nunca tinha jogado aqui e fiquei surpreendido pela positiva, é um clube bem organizado e que não falta com nada aos jogadores», referiu Ginho, de 35 anos, que já tem um longo percurso no futebol distrital.

«Sinceramente, dado o valor do plantel, não estávamos à espera de estar nesta situação, mas penso que ainda vamos muito a tempo de reverter esta situação e conseguir a permanência na Honra. Espero que seja possível antes das últimas jornadas para não termos de carregar essa cruz até ao fim do campeonato. Esse é o principal foco do grupo de trabalho», apontou o jogador.

O mau arranque da época, com seis derrotas consecutivas, e a troca de treinadores (João Salgueiro é o terceiro da época), não ajudaram à estabilidade mental de um grupo que tinha acabado de subir de divisão. No entanto, Ginho diz que não se podem «estar constantemente a lamentar com o passado».

«Claro que começar o campeonato com seis derrotas consecutivas não ajuda. Depois, ainda tivemos a troca de treinadores, isso é sempre complicado, pois cada um tem ideias e formas de pensar o jogo diferente, o que tem implicações no grupo, mas não podemos desculpar apenas com isso», referiu.

«Temos dado muitos tiros nos pés. Normalmente estamos confortáveis no jogo e de repente parece que adormecemos e “mamamos com a bucha lá dentro”, como se costuma dizer. Temos de estar muito mais concentrados em todas as fases do jogo», juntou o jogador.

Ginho adiantou ainda que a equipa precisa de somar duas ou três vitórias



«A PERMANÊNCIA É COMO SE SUBÍSSEMOS DE NOVO»

► ► **Ginho está a cumprir a segunda época no Rendufe FC**

seguidas para aumentar os índices de confiança. «Falta-nos dar aquele salto na tabela classificativa para a equipa ganhar estabilidade emocional e ter outra tranquilidade nos jogos. Vamos ter uma série de jogos onde podemos recuperar esses

pontos, mas temos de fazer pela vida», atirou.

«Se não acreditássemos na permanência não estávamos aqui a fazer nada. Vamos tentar assegurar a manutenção o mais depressa possível, não queremos

chegar à última jornada com a Credo na boca. Vai ser uma luta renhida, estamos cientes disso. Mas, na segunda volta, temos mais jogos em casa, é sempre diferente, em casa temos de mandar nós», concluiu.

«Nesta divisão o golo é mais caro»

Atacante está longe dos números da época passada

Ginho é um jogador com muita rodagem no futebol distrital. No currículo conta com clubes como GD Prado, Cabreiros e Águias da Graça, entre outros, em vários campeonatos da AF Braga. O avançado sabe que quanto mais alto é o escalão mais competitivos são os jogos.

«Individualmente, podia estar a correr melhor, mas o mais importante é sempre o colectivo. Desde que a equipa ganhe até posso ficar no banco», atirou o atacante, que está longe dos números (leia-se golos) apontados na época anterior. «Nesta divisão o golo é mais caro, é muito mais difícil meter a bola lá dentro, porque as equipas são melhores, é outro andamento, uma desatenção paga-se muito caro. À equipa e qualidade que temos não merecíamos estar no fundo da tabela, mas a bola é redonda», apontou o jogador, acrescentando que se o Rendufe se conseguir manter na Honra «é como se subisse de novo».

Ginho adiantou ainda que o primeiro lugar «está bem entregue» ao Marinhas.

«Tem sido a equipa mais regular. Para além de praticar um bom futebol, nota-se que é um grupo que está junto há alguns anos pelas dinâmicas que apresenta em campo», analisou.

**«É de outro campeonato»**

Salgueiro é o terceiro treinador da época

João Salgueiro chegou ao comando do Rendufe em Novembro para substituir Gel, que teve de abandonar o clube devido a um problema de saúde. Um dos treinadores mais experientes no futebol distrital e que «só veio trazer coisas boas ao clube», diz Ginho.

«Joguei muitas vezes contra as suas equipas, mas nunca foi meu treinador. Mudou muita coisa a nível tático, posicionamentos, transições defensivas e ofensivas, mesmo a nível de treinos é de outro campeonato. Temos evoluído muito», assegurou o avançado.



GD GERÊS

Lau quer «uma equipa motivada» para atacar a segunda volta

Está de regresso ao GD Gerês agora na função de treinador

Bruno Martins, conhecido no mundo da bola por Lau, substituiu, recentemente, Miguel Teixeira no comando técnico da equipa sénior do GD Gerês. É o regresso do treinador, de 40 anos, ao clube que representou enquanto jogador de 2005 a 2010. «Quando estamos sem treinar é normal que estejamos à espera que o telefone toque para abraçar um novo projecto. Posso dizer que o convite do GD Gerês foi inesperado, mas fiquei feliz, estou de regresso a um clube que representei durante cinco anos, com muito gosto», expôs ao nosso jornal Lau, que vai trabalhar com Vítor Vieira e Jorge Cardoso.

«Já passaram 14 anos, o clube está diferente, com melhores condições, lembro que ainda apanhei o pelado da Pereira. Agora as condições estão muito melhores, mesmo em termos de organização nota-se que o clube está mais organizado, mas os tempos também são outros», juntou o treinador, que na época passada orientou a equipa do Rossas.

«Já conhecia a maior parte dos jogadores, pois na época passada, enquanto treinador do Rossas, foram meus adversários. Gostei do plantel, porque existe um bom ambiente e isso é meio caminho andado para o sucesso. Também conversei com o antigo treinador, Miguel Teixeira, de quem sou amigo, e ele disse-me que o ambiente é bom e os



jogadores têm vontade de trabalhar», referiu.

Lau sublinhou ainda que traçou algumas metas internas que pretende atingir no final da época, mas tem consciência que será impossível lutar pelos lugares cimeiros na série B da I Divisão da AF Braga. «Temos uma meta de pontos que é alcançável na tabela classificativa, mas sabemos que não vamos conseguir andar no grupo da frente. No entanto, penso é importante fazer uma boa recta final de campeonato para cativar e motivar os jogadores para a próxima época. Essa é a nossa intenção», explicou o treinador.

E motivação foi, certamente, a palavra mais ouvida no balneário dos geresianos. «Quero uma equipa que trabalhe bem e encare todos os jogos para ganhar, porque sinto que o plantel tem qualidade para isso. Sabemos que a equipa não está a passar um bom momento, e o calendário também não vai ajudar, já que vamos defrontar as equipas do cimo da tabela, mas temos de contrariar isso. Pode ser que os jogadores ganhem outro ânimo com a nossa entrada. Existe qualidade para este nível, a equipa tem algumas lacunas, mas essencialmente o grupo precisa de elevar o nível motivacional», expressou o treinador.



Lau (meio) com os adjuntos Vítor Vieira e Jorge Cardoso

Rossas marcou o fim e início de um novo ciclo

Lau jogou em vários clubes da região

Bruno Martins fez a formação no Vieira SC, clube da sua terra de origem, onde se estreou com a camisola sénior. Depois, mudou-se para o GD Gerês. No campo da Pereira esteve cinco temporadas, rumando ao Pedralva, na época de 2010/11. O GDC Mosteiro foi outros dos clubes que o lateral/médio representou antes de chegar ao GRC Rossas, na temporada de 2018/19. No entanto, uma lesão acabou por afastar o jogador dos relvados, aos 38 anos, na época de 2021/22. Em Dezembro desse mesmo ano, iniciou a carreira de treinador no Rossas, equipa que continuou a orientar na última época.



Bertinho e Serginho são reforços

Guarda-redes e médio

O GD Gerês assegurou o concurso do guarda-redes Bertinho, que vai substituir António Bessa, que acabou por deixar o clube com a saída de Miguel Teixeira, pois acumulava o cargo de treinador adjunto com o de guarda-redes. Outro dos jogadores que reforçam o clube é Serginho. O médio, de 29 anos, chega

proveniente do Guilhofrei, onde participou em oito jogos no campeonato da Divisão de Honra. Serginho é um produto da formação do Porto d' Ave e do Maria da Fonte, tendo enquanto sénior jogado em clubes como o Maria, Gouveia, Ronfe, Porto d' Ave, Este FC, Vieira e Guilhofrei.

FPF com 400 mil euros para apoiar clubes

Através do Fundo Crescer 2024

A Federação Portuguesa de Futebol (FPF) vai disponibilizar 400 mil euros para apoiar projectos de clubes que visem aumentar o número de praticantes, através do Fundo Crescer 2024.

Com o objetivo de chegar aos 300 mil praticantes até ao fim do ano (actualmente são cerca de 228 mil), a FPF propõe apoiar clubes na criação de melhores condições,

mas também na qualificação de recursos humanos e na transformação digital da estrutura organizativa.

De acordo com a FPF, este fundo vai ter uma parte de apoio determinada em orçamento participativo, a distribuir por um máximo de 25 projectos, para um valor máximo de 50 mil euros para cada.

«Os clubes podem candidatar-se através

de projectos que tenham como objectivo o aumento do número de praticantes, designadamente com uma aposta clara no crescimento de atletas do sexo feminino», destaca a FPF, acrescentando que o praxo de candidaturas foi prorrogado até ao dia 29 de Março.

A Direcção da FPF vai seleccionar um máximo de 25 projectos, após análise por

auditores externos, seguindo-se uma votação online por sócios federativos e clubes, que terá preponderância de 40%, ficando os restantes 60% entregues a um júri designado pela FPF.

Todos os projectos beneficiários de apoios no quadro do Orçamento Participativo têm de estar concluídos até ao final de 2024.

AMARES VOLEI

O projecto do voleibol em Amares, que integra o Agrupamento de Escolas e o Amares Volei, continua a marcar a diferença pela positiva na região e até a nível nacional. Com muito pouco, Nuno Reininho e seus pares têm conseguido formar campeões regionais e mesmo nacionais, como aconteceu no ano passado com a equipa de infantis a ser a melhor de Portugal no seu escalão. Um feito extraordinário até pelo poderio e qualidade dos adversários que têm ao seu dispor condições que em nada se compararam com as dos jovens amarenses. Na final, os jovens amarenses venceram o Benfica.

Mas, como se costuma dizer, é a partir das adversidades que se constroem grandes obras e o projecto do voleibol em Amares é um bom exemplo disso.

Tudo começa a florescer na base, onde é feito um trabalho intenso de recrutamento de novos atletas nas salas de aulas, que depois vão sendo moldados e trabalhados para que possam um dia ser atletas de elite. No entanto, este ano, esse processo parece ter sofrido um retrocesso. «Continuámos a ser procurados, mas não tanto pela base da pirâmide, o que nos deixa preocupados. Temos de tentar entender o que se está a passar, isto nunca aconteceu, este ano só conseguimos captar um aluno, o que é muito preocupante e estranho», lamentou Nuno Reininho.

«Por isso, até vamos organizar, no dia 9 de Março (sábado), das 09h30 às 12h00, o primeiro encontro destinado a alunos do primeiro ciclo, numa perspectiva de dar a conhecer às famílias o nosso projecto e a modalidade. Os atletas mais velhos vão estar presentes para lhes mostrar como é in-

teressante jogar voleibol», juntou.

«Por outro lado, aparecem miúdos dos sub-14, 16 e 17, mas o choque inicial é grande, pois estamos a falar de um desporto que é muito específico, com combinações e esquemas táticos que não são fáceis de aprender. Temos um conjunto muito grande de miúdos de 2010, o que nos leva a pensar em formar mais uma equipa no próximo ano», adiantou o treinador e também mentor do projecto de base do Amares Volei, que conta com a «preciosa ajuda» do jovem João Paulo.

«Este é um projecto integrado que articula duas estruturas: o Agrupamento de Escolas de Amares e o Amares Volei. Enquanto professor assumo no Desporto Escolar a equipa de infantis, que no desporto federado equivale ao escalão de minis, mas que integra vários miúdos dos infantis nos federados. No federado, os escalões são de um ano e no Desporto Escolar são de dois anos ou até de três no caso dos juvenis. Por isso é que há uma mistura dos atletas. O João Paulo é quem assume a equipa de sub-13 no federado e eu sou o adjunto. Ele está num processo de estágio do curso de treinadores e sou o tutor dele», explicou Nuno Reininho.

Projecto cresce e subsídios são os mesmos

Nuno Reininho não compreende como é que o clube aumentou o número de equipas e atletas e o subsídio municipal continua o mesmo. O treinador diz que «alguma coisa não está bem». «Este é um projecto que está a crescer, acrescentou duas equipas este ano. Somos um clube que consegue oferecer mais uma valência no masculino e

outra no feminino, único exemplo de uma prática desportiva organizada de carácter colectivo no Concelho de Amares para raparigas. Apesar da dedicação de toda a estrutura do clube, dos atletas e treinadores, não vemos esse crescimento concretizado em apoios. Quando um clube acrescenta 20% aos praticantes e equipas e continua a ter o mesmo subsídio municipal alguma coisa não está bem. É uma mágoa que nós temos, até porque este é um clube que serve a comunidade», lamentou o técnico, lembrando também as parcas condições de trabalho devido à humidade no pavilhão da Escola Secundária.

Futuros “craques” na forja

O título alcançado na época finda pelos infantis deixa água na boca para os próximos anos. Nuno Reininho acredita que muitos destes atletas vão ser chamados aos trabalhos das selecções nacionais. «A equipa de infantis tem miúdos muito novos, em termos competitivos ainda não está ao nível que irá atingir daqui a algum tempo. Muitos destes atletas ainda vão ter mais dois anos no escalão e, certamente, daqui a dois anos esperamos resultados diferentes. No campeonato da Federação ainda não ganharam, mas já venceram alguns sets e os parciais estão a melhorar, o que é muito bom», referiu o treinador, acrescentando que «já saíram do clube muitos jogadores» e a expectativa é «que vão sair mais, desde logo na equipa que foi campeã nacional no ano passado». «Quando forem mais velhos vão ser chamados a integrar treinos da Federação, tenho a certeza. E só não são agora porque as famílias podiam não aguentar o esforço», concluiu.



► ► Uma sintonia perfeita entre o Desporto

Iniciados com vontade de triunfar

Jogadores confiantes num bom campeonato

A equipa de iniciados do Amares Volei está confiante na conquista de mais títulos. Depois do sucesso nos infantis, os jogadores querem voltar a festejar. «Para já está a correr bem, perdemos alguns jogos, mas não eram importantes, temos o mesmo objectivo da época passada, que é chegar à fase final e sermos campeões nacionais», atirou Gabriel, que chegou ao clube há quatro anos. «O voleibol é o meu desporto favorito e ser treinado pelo professor Reininho e pelo João Paulo é um privilégio. Sacrificam-se muito mais do que nós. É incrível», disse.

Gonçalo também acredita que é possível conquistar mais um título: «Estamos a evoluir muito e se continuarmos a trabalhar desta forma podemos ser campeões. É um desporto que sempre me atraiu e como tinha aqui amigos decidi vir experimentar, somos uma família».

Por sua vez, Vieira elogiou o espírito que existe no grupo de base do Volei Amares. «Quando cheguei, há dois anos, não sabia quase nada sobre o voleibol e em apenas dois anos tive uma evolução muito grande. Tenho aqui muitos amigos que me ajudam e os treinadores também, é um grupo espectacular, quero ficar aqui muitos anos», expressou.





EM LABORATÓRIO DE CAMPEÕES À ESPERA DE MAIS APOIOS

Escolar e o Federado

Resultados vão aparecer no futuro

Infantis estão a dar os primeiros passos

A equipa de infantis está a dar os primeiros passos no desporto federado e ainda vai levar o seu tempo para que alguns processos sejam adquiridos. A evolução tem sido gradual, sustentada, sem queimar etapas, numa caminhada que pode abrir a porta do sucesso daqui a dois anos. «Estamos a dar os primeiros passos, mas estamos a crescer, temos jeito para isto», disse Mateus, que chegou ao clube há dois anos. «Gosto muito das pessoas, têm-me ajudado a evoluir», expressou.

Já Eduardo entrou para o voleibol através de um convite do primo e diz que se apaixonou de imediato pela modalidade. «Estou a adorar fazer parte deste grupo e de jogar voleibol, tenho aprendido muito com os treinadores, que nos ensinam muitas técnicas e a fazer manchetes. Gostava muito de ser jogador profissional», afirmou.

Afonso escolheu o voleibol para praticar desporto e não está nada arrependido. «O futebol não me interessava e, como tenho muitos amigos no voleibol, decidi vir experimentar e fiquei a gostar muito. Para além de aprender a jogar, posso também praticar desporto, o que faz sempre bem. A época está a correr dentro do esperado, sabíamos que o início ia ser mais complicado, no federado ainda não ganhámos nenhum jogo, mas temos evoluído e já conseguimos alguns sets. Um dia a vitória vai aparecer», rematou.



SC UCHA



UM CLUBE COM HONRA E AMBIÇÃO DE CRESCER NA FORMAÇÃO

► ► Rui Macedo lidera o SC Ucha há uma década

Rui Macedo assumiu a presidência do SC Ucha há uma década, tendo no seu reinado conseguido um feito inédito: levar o clube desde a I Divisão até à Pró-Nacional, onde competiu durante a época de 2020/21. Na temporada seguinte, o clube desceu à Honra, onde se mantém até aos dias de hoje. Em entrevista ao Desportivo, o Presidente do SC Ucha falou das dificuldades que o clube sente em formar plantéis competitivos para disputar o campeonato da Honra e também de alguns projectos para o futuro. «Temos de pensar seriamente em adquirir um terreno para construir um novo parque de jogos», confidenciou ao nosso jornal Rui Macedo, de 43 anos.

Como foram estes 10 anos de mandato?

Quando assumi o clube sentimos muitas dificuldades, mas depois fomos crescendo e conseguimos duas subidas consecutivas, da I Divisão até à Pró-Nacional. Chegar à maior divisão da AF Braga foi um prémio justo para todos e dentro da nossa realidade ainda fizemos um bom campeonato. Hoje em dia, as dificuldades não são as mesmas.

Quais são agora?

Prendem-se mais com a formação. Quanto mais equipas e jogadores tivermos, mais massa humana temos de ter a trabalhar e a responsabilidade aumenta. Como se sabe, é cada vez mais difícil encontrar pessoas com disponibilidade para o associativismo gratuito. Também temos sentido dificuldades em conseguir convencer treinadores para virem trabalhar na nossa formação. Faço um convite a um

estagiário e ele prefere fazer 30 quilómetros para ir treinar outra equipa com mais tradição na formação.

Essa foi uma conquista importante para o clube?

Foi muito importante para o nosso crescimento, mas somos um clube sem tradição na formação e isso demora o seu tempo. Criámos as primeiras equipas de formação em 2018, temos apenas seis anos de experiência e só este ano é que ti-

vemos uma equipa de juniores, e mesmo assim com muita dificuldade em formar o plantel. Mas a nossa prioridade é que os miúdos tenham um local para praticar desporto, socializar e serem melhores seres humanos. Se não puderem ser bons jogadores podem ser treinadores ou dirigentes do clube. É importante que eles sintam que cresceram no SC Ucha.

A colocação do sintético, em 2017, foi a principal obra do seu mandato?

«O ponto é cada vez mais difícil»

Que balanço faz da prestação da equipa sénior?

Esta é uma série completamente dife-

rente do ano passado, mais competitiva, onde cada ponto é muito difícil de conquistar, mas queremos-nos manter nesta



Claro que sim, demos um passo importante, o que nos permitiu avançar para a formação e criar outras condições para jogadores e treinadores. Depois, também melhorámos muito o nosso departamento médico e fizemos uma sala de reuniões para os treinadores, entre outras coisas que fomos fazendo ao longo dos anos. O próximo passo é colocar a iluminação LED. Fizemos uma candidatura e o clube vai ter de suportar uma parte do financiamento. E nestas condições também não podemos crescer muito mais.

O que faz falta?

A Direcção do clube tem de pensar seriamente em adquirir um terreno para construirmos um novo parque de jogos para o clube. É um assunto que temos vindo a falar. Não sei se vai concretizar-se nos próximos tempos, mas é uma obra que tem de ser feita. Temos aqui um activo valioso, pois o campo de jogos é da Junta da Freguesia e pode ser rentabilizado, mas o primeiro passo seria adquirir um terreno.

Com que apoios conta o clube?

O Município de Barcelos dá um subsídio para a formação e paga uma parte das inscrições dos jogadores, já é uma grande ajuda. Depois, temos de gerir esse dinheiro ao longo da época. Também temos uma ajuda importante dos sócios, nesta altura contamos com cerca de 200, e os nossos patrocinadores. Contamos ainda com a bilheteira e também fazemos uma festa no início da época para angariar mais algum dinheiro. Temos as contas controladas, não devemos nada a ninguém, sempre foi assim ao longo do meu mandato e espero que se mantenha.

E já pensou se vai recandidatar-se?

Na última Assembleia-Geral disse que assumia de novo a presidência por mais dois anos, mas gostava que fosse um mandato de transição. Assim, no final de Maio do próximo ano espero que surja alguém para tomar conta do clube. Eu continuo a ajudar nas noutras funções. Isto desgasta.

divisão, para consolidarmos cada vez mais o clube na Honra. Até este momento, estamos dentro dos objectivos a que nos propusemos, mas ainda falta muito campeonato. Vai ser uma luta muito complicada, pois uma ou duas derrotas podem inverter a tabela classificativa. Mas é essa a mensagem que passamos para a equipa.

E esta é a divisão certa para o SC Ucha?

Sim, e já com muitas dificuldades. Cada vez é mais difícil formar plantéis competitivos para esta divisão. Estamos mais encostados a Vila Verde e a Braga e não conseguimos competir com os clubes do nosso Concelho [Barcelos], nas mesmas condições eles preferem jogar perto de casa. Depois ainda temos o Popular, que é um fenómeno em Barcelos.

E como fazem?

Temos a vantagem de termos um grupo formado há alguns anos. Depois, temos aproveitado a formação do GD Prado e de outros clubes de Braga.

Uma ligação fortalecida na amizade e na confiança

Alex está a cumprir a oitava época consecutiva ao serviço do SC Ucha



É um caso raro no futebol distrital e mesmo nacional. Alexandre Borges, ou simplesmente Alex, está a cumprir a oitava época consecutiva no comando do SC Ucha. Ao longo destes oito anos guiou o clube barcelense desde a I Divisão até ao escalão maior da AF Braga, onde jogou uma temporada, antes de estabilizar na Honra.

«Temos de dar mérito à Direcção, que mesmo quando as coisas estão a correr menos bem nunca foi pela parte mais fácil, que é despedir o treinador. Acreditam no nosso trabalho e no projecto que idealizaram», disse Alex ao nosso jornal.

«Depois existe uma relação de amizade que fomos construindo ao longo dos anos. O SC Ucha é um clube modesto mas que não falta com nada ao grupo de trabalho. Faz-nos sentir bem e nós estamos aqui para tentar que o clube seja mais competi-

tivo e mais apetecível para os jogadores», juntou o treinador, de 38 anos.

«No início as coisas não correram muito bem, porque mexemos muito no plantel, entraram 10 jogadores, e é natural que a adaptação seja mais lenta. Também é inegável que o campeonato está mais forte. A luta pela permanência vai ser muito renhida, até ao sexto, sétimo lugar ninguém está seguro. Neste momento ainda não conseguimos a manutenção, mas estamos dentro dos objectivos», expressou o treinador, que todos os anos procura potenciar jovens talentos.

«O SC Ucha não paga muito aos jogadores, dá apenas uma ajuda para as despesas dos transportes. Por isso, todos os anos tentamos ir buscar jovens jogadores que saem da formação dos clubes mais próximos. Tentamos também que eles evoluam para outros patamares, como já tem aconte-



tecido. O Ucha cumpre o que promete, é um clube familiar e isso cativa os jogadores. Todas as sextas-feiras temos um jantar convívio, eles gostam e também ajuda a

criar um bom grupo», referiu o treinador, que tem conseguido melhores resultados fora de casa.

«Deve-se ao facto de a nossa equipa gostar de ter bola e de o Campo da Tamanca ter dimensões mais reduzidas. As equipas aqui fecham-se mais e optam por um futebol mais directo, mas já estamos a tentar ajustar a equipa a essa realidade», adiantou.

Alex sublinhou ainda que o primeiro lugar está bem entregue ao Marinhães. «A tabela reflecte o valor das equipas, com excepção do Martim, que podia estar mais acima e uma ou outra equipa, como o Rendufe, que tem valor para não estar naquele lugar. O primeiro lugar está bem entregue e vai ser difícil tirar o Marinhães de lá. Agora, se me perguntar se é a equipa que melhor futebol apresenta? Não acho», afirmou Alex.



«Não podemos relaxar»

Celso, capitão do SC Ucha

Celso chegou ao SC Ucha para fazer apenas uma temporada e passado quatro anos e meio ainda continua a jogar no clube. «O que me vai prendendo ao clube e também ao futebol é o grupo que tenho encontrado, é um clube modesto, mas que dentro das suas possibilidades não falta com nada aos jogadores», contou o capitão do SC Ucha.

«Podíamos estar melhores classifica-

dos, a primeira volta foi complicada, a equipa demorou a encontrar-se, também pelo facto de terem entrado muitos jogadores. Mas agora estamos muito melhor, as vitórias também moralizam. Queremos atingir a permanência o mais rápido possível, mas os jogos são todos equilibrados, não dá para relaxar, se não vamos ter problemas», apontou o experiente jogador do SC Ucha.

«Este é patamar ideal para o SC Ucha, uma Pró-Nacional seria demais, neste momento, mas um dia o clube pode lá chegar como já o fizemos»

SC UCHA

No último ano do curso de Ciências do Desporto, Andreia Gonçalves recebeu um convite do Presidente do SC Ucha, Rui Macedo, para coordenar a formação do clube. Um desafio que aceitou com muito entusiasmo, pois para além de «gostar muito de futebol» também queria ter «um papel activo» numa associação da Freguesia. «Quando comecei tínhamos apenas 30 miúdos, hoje já temos cerca de 130 atletas. Estamos a crescer, mas queremos fazê-lo de uma forma sustentada, sem avançar etapas. Todos os anos fomos acrescentando uma equipa e este ano conseguimos ter todos os escalões, com a formação da equipa de juniores», contou Andreia Gonçalves.

«Desportivamente, principalmente no futebol 11, não tem sido fácil, mas os treinadores estão a fazer um bom trabalho, estamos em constante aprendizagem. Temos apenas seis anos de formação, somos uma criança que ainda está a dar os primeiros passos», acrescentou a jovem coordenadora.

«Não exigimos vitórias mas sim que as equipas técnicas dêem o seu melhor para a evolução dos miúdos e que façam com que sintam bem no clube para não desistirem já que estas idades são complicadas», apontou.

O SC Ucha está situado numa extremidade do Concelho de Barcelos, longe do centro, e rodeado de alguns clubes com tradição na formação. Não tem sido fácil conseguir atrair jovens atletas para a formação, mas isso não tem impedido o clube de continuar a crescer. «O recrui-



«ESTAMOS A CRESCER DE FORMA SUSTENTADA»

► ► Andreia Gonçalves é a coordenadora da formação do SC Ucha

tamento é feito através dos atletas que vão falando com os amigos para virem para aqui. Também temos a sorte de as nossas Freguesias vizinhas, Cervães e Cabanelas, não terem equipa de forma-

ção, isso também ajuda. No futebol 7 os miúdos são quase todos da Ucha, depois temos um misto de outras Freguesias vizinhas», referiu Andreia Gonçalves.

«Temos as condições suficientes para

fazer um bom trabalho, embora tentemos sempre melhorar, mas também temos a noção da nossa realidade», concluiu a coordenadora da formação do SC Ucha.



«Sou central mas jogo com o 7»

Manuel (petizes)

«Gosto muito de jogar futebol, o meu pai também jogava bem. Sou central mas gosto de jogar com o 7, é o número do Cristiano Ronaldo, o melhor jogador do Mundo. Já aprendi a fazer passes e fintas em ziguezague. Mas o que mais gosto é de estar com os meus amigos».



«Sou defesa e tento evitar golos»

Tomás (traquinas)

«Temos aprendido a jogar e a não ter medo da bola, a fazer passes, remates e fintas. Marco alguns golos, não muitos, mas também sou defesa e tento evitar que eles entrem na nossa baliza. O campeonato está correr bem, temos muitas vitórias. O meu jogador preferido é o Cristiano Ronaldo»

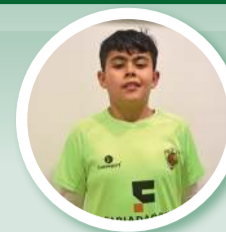


«Tenho aprendido muitas coisas»

Leonardo (benjamins)

«Sou de Cervães e jogo aqui desde o ano passado. Tenho aprendido muitas coisas, como fazer passes, fintas e remates. O campeonato está a correr bem, numa série estamos em primeiro e na outra em terceiro, o que é muito bom. Jogo a central e gostava de ser jogador de futebol».





«Tenho evoluído muito»

Simão (infantis)

«Estamos numa fase difícil porque estamos a disputar a fase de campeões. Ainda nos estamos a adaptar mas vamos melhorar com o decorrer do campeonato. Já jogo aqui há cinco anos e tenho evoluído muito como jogador e também como pessoa. Sou médio e gosto muito do João Neves».



«A equipa tem crescido»

Guilherme (iniciados)

«Sou natural da Ucha e ainda bem que o clube fez formação para eu jogar perto de casa. O campeonato não está a correr muito bem, temos sofrido algumas derrotas, mas a equipa tem evoluído muito e penso que ainda vai crescer até ao fim do campeonato».



«Temos feito bons jogos»

Kiko (juvenis)

«Sou da terra e já jogou aqui há cinco anos. Temos feito bons jogos, que se têm traduzido em pontos. A equipa está mais forte colectivamente e vamos tentar ganhar o máximo de jogos. Tanto jogo a defesa como no meio, tenho feito mais assistências do que golos. No futuro gostava muito de jogar na equipa principal do Ucha».



«Gosto do ambiente»

Baptista (juniores)

«O campeonato podia estar a correr melhor, mas este também é o nosso primeiro ano de juniores e temos muitos jogadores que nunca jogaram futebol. Por isso, ainda temos alguma margem de progressão para tentar ganhar mais alguns jogos. Jogo a central e gosto muito do ambiente que se vive no SC Ucha».



PORTO D'AVE

«Temos de olhar para todos os jogos como uma final»

Ricardo Silva quer manter o Porto d' Ave na Divisão de Honra

Ricardo Silva, conhecido no mundo da bola por Xiço, começou a época no FC Amares, mas as dificuldades que sentiu em formar um plantel competitivo para a Pró-Nacional levaram-no a deixar o projecto ainda antes do arranque da pré-época. No entanto, não esteve muito tempo sem clube. O telemóvel tocou quase de imediato e do outro lado da linha chegou o convite do Porto d' Ave. «De todos os clubes por onde passei este foi o que mais rapidamente me arrebatou pelas pessoas», confidenciou o treinador na entrevista ao nosso jornal.

Que balanço faz destas 20 jornadas do Porto d' Ave no campeonato?

O clube quer regressar à Pró-Nacional no espaço de dois ou três anos. Este é um ano de reestruturação, onde o objectivo era fazer um campeonato tranquilo. No entanto, tivemos uma dificuldade muito grande que foi o facto de começar a época muito tarde, quando todas as equipas já tinham os plantéis fechados. Isso atrasou muito a nossa preparação. Foi um planeamento em cima do joelho. Temos uma equipa muito jovem, com pouca experiência para competir a este nível, o que se fez notar nos resultados, pelo menos numa fase inicial.

Mas que tem vido a melhorar?

Com o andar do campeonato fomos reestruturando, reforçamos a equipa com jogadores que acreditamos que iam acrescentar algo mais à equipa. Estamos mais maduros, a equipa percebe que não se pode desequilibrar tanto, que não pode ir para os jogos à procura da vitória de uma forma desenfreada. Mas a qualidade das equipas e as contingências que já referi fizeram com que estejamos a lutar pela permanência. Se a conseguirmos é uma grande vitória, sem dúvida alguma.



É uma série muito competitiva.

É verdade, há muitas equipas que na época passada disputavam a Pró-Nacional, isso diz muito da qualidade desta série, muito competitiva, que se aproxima muito da Pró-Nacional, com alguns jogadores a serem chamados aos trabalhos da Selecção Distrital. Há muitas equipas a querer subir de divisão, muitos históricos, o que elevou o patamar do campeonato, com mais qualida-

de e competitividade. Agora, o nosso plantel também está mais experiente, ao nível do que esta divisão exige.

Vai ser uma luta até ao fim pela permanência?

A luta pela permanência está ao rubro e nós estamos nela. O ponto está cada vez mais caro, mais difícil de conquistar e nota-se isso em todos os jogos. Se numa época

normal 30 pontos dariam para assegurar a permanência, não acredito que este ano cheguem. As equipas podem todas chegar a essa pontuação. Neste momento estamos numa boa fase. O que acontece é que as outras equipas também estão a ganhar. Vai ser preciso muito trabalho, vai ser uma luta árdua até ao final. Temos de olhar para todos os jogos como uma final e somar pontos em todas as jornadas, se não ficamos para trás.

«Não estou nada arrependido»



Saiu de um projecto de risco e acabou por se meter noutra. Está arrependido?

De forma alguma. Conhecia o clube, um histórico da AF Braga, do qual sempre ouvi falar muito bem. Se calhar, de todos os clubes por onde passei este foi o que mais rapidamente me arrebatou pelas pessoas. É um clube feito por pessoas incríveis, onde não falta apoio, carinho e estabilidade.

Mas com uma massa adepta exigente?

Sem dúvida. No entanto, também percebem a realidade do clube neste momento. Nunca deixaram estar ao lado da equipa, mesmo nos ciclos mais negativos nunca pediram a "cabeça do treinador", o que era o mais natural no futebol, nem eles nem a Direcção. Posso dizer que já coloquei o meu lugar à disposição, mas foi prontamente dito que não seria pela nossa saída que as coisas se iriam resolver, mas sim com alguns reajustes no plantel. É um clube diferente.

E com condições para estar na maior divisão da AF Braga?

O clube tem estrutura de Pró-Nacional e já demonstrou isso. Dos clubes em que trabalhei é aquela que tem melhores condições, a todos os níveis. Temos tudo o que é necessário para desenvolver o nosso trabalho. A Direcção não são apenas duas ou três pessoas a trabalhar, é uma Freguesia que trabalha em prol do clube. A falta de apoio ou de condições nunca será desculpa para nada.

«São as melhores equipas»

Celoricense e Torcatense estão em posição de subida

Numa avaliação ao campeonato, Ricardo Silva elege o Celoricense e o Torcatense como as melhores equipas da série B. «Acredito que o Celoricense e o Torcatense vão subir. O Celoricense é o líder destacado, invicto, tem sido a melhor equipa, e o Torcatense também está bem posicionado, com uma excelente equipa, muito experiente, com jogadores com tarimba de Pró-Nacional e até de outros patamares. São as duas melhores equipas desta série, embora o Santiago de Mascotelos também tenha um plantel recheado de jogadores de grande qualidade», destacou o treinador do Porto d' Ave.

